

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA E O NASCIMENTO DOS SOVIETES

Vsevolod Volin

A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA

Este trabalho é um dever de consciência.

Toda revolução é, em suas raízes, uma grande desconhecida, embora seja estudada de perto por autores de várias tendências e em momentos diferentes. Os séculos passam e, ocasionalmente, outros homens examinam os vestígios de antigas agitações para descobrir fatos e documentos que não vieram à luz. Tais descobertas mudam o nosso conhecimento e ideias que pensávamos de forma permanente. Quantas obras sobre a Revolução Francesa de 1789 já existiam quando Kropotkin e Jaurès descobriram em seus escombros elementos até então ignorados que esclareceram aquela época! O mesmo Jaurès concordou que os vastos arquivos da grande revolução dificilmente tenham sido investigados.

Em geral, ainda não se sabe estudar uma revolução, nem se é capaz de escrever a história de um povo. Além disso, mesmo experientes autores conscientes ainda cometem erros e omissões que impedem a justa compreensão dos acontecimentos. Se realiza um esforço para investigar exaustivamente e expor detalhadamente os fatos e os fenômenos surpreendentes que tenham se desenvolvido a plena luz, na ruidosa declaração revolucionária, mas se desprezam ou ignoram os acontecimentos em silêncio, no profundo da revolução, fora da agitação. Às vezes, referem-se a eles como vagos testemunhos que são interpretados quase sempre com erro ou por interesse. E são precisamente esses fatos ocultos realmente importantes para descobrir o verdadeiro significado de sua história e de seu tempo.

Além disso, a economia, sociologia, psicologia, consideradas como ciências-chave da revolução, ainda são incapazes, no entanto rudimentares, de compreender e convenientemente explicar o que aconteceu.

Mesmo no aspecto puramente informativo, quantas lacunas! No tumulto formidável de revolução, muitos eventos, nesse balanço do incessante de efervescência, talvez fiquem perdidos para sempre. Aqueles que vivem uma revolução, os milhões de indivíduos que, de uma forma ou de outra, são arrastados pelo furacão, eles se

preocupam muito pouco em registrar, para as gerações futuras, aquilo que viram, souberam, pensaram e viveram.

Saliento que, com raras exceções, as poucas testemunhas que gravaram notas, e também os senhores historiadores, são de uma parcialidade repugnante. Cada um procura e encontra elementos à vontade em uma revolução, elementos que podem apoiar uma tese pessoal, ou ser úteis a um dogma, um partido, uma casta, se escondendo e separando cuidadosamente tudo o que pode ser contrário a tais fins parciais. Os mesmos revolucionários, divididos por suas teorias, se esforçam para dissimular ou distorcer o que não corresponde exatamente a qualquer doutrina particular. E isso sem contar o número impressionante de obras sem qualquer importância e que são ainda irrisórias.

Quem poderia gabar-se de estabelecer a verdade inconfundível?... Não é, portanto, surpreendente que, sobre uma revolução, existam quase tantas versões como livros e que, basicamente, a verdadeira revolução permanece desconhecida.

No entanto, esta revolução oculta, que traz consigo as sementes das agitações futuras, temos que descobri-la. Quem pensa reanimá-la ativamente, ou simplesmente quer seguir os eventos com discernimento, deve investigar o desconhecido. E o autor afirma que o seu dever lhe exige que ele ajude aos pesquisadores em sua busca.

Neste livro, a revolução desconhecida é a Revolução Russa, não aquela que foi muitas vezes descrita por escritores patenteados ou políticos, senão o que foi, por eles mesmos, negligenciada ou habilmente velada e até mesmo falsificada. Isto é o que é ignorado.

Basta folhear alguns livros sobre a Revolução Russa para ver que, até agora, todos foram escritos com interesse doutrinário, político ou pessoal. A verdade se disfarça de acordo com o escritor, e os fatos mudam de aparência, tanto quando se é "branco", um democrata, um socialista, um stalinista ou trotskista que o relacione. Cada um tempera a gosto a sua realidade, e quanto mais se busca menos é encontrada, porque os autores sempre silenciaram os fatos mais importantes, e se não concordam com as suas próprias ideias, não os interessam ou não lhes convêm.

Pois bem, esta documentação inédita e tão excepcionalmente edificante constitui precisamente a maior parte deste volume. Sem exagerar ou envaidecer, o autor afirma: quem não conhecer este livro seguirá ignorando muitíssimos fatos de uma importância fundamental. As revoluções anteriores nos legaram um grande problema, especialmente àqueles de 1789 e 1917: iniciadas extensivamente contra a opressão, animadas pelo

poderoso sopro de liberdade e proclamando esta como fim essencial, por que degenerou-se em uma nova ditadura de outras classes dominantes e privilegiadas e em uma nova escravidão do povo? Quais seriam as condições que permitiriam a uma revolução evitar tal resultado desprezível? Seria este fim, ainda por mais tempo, uma espécie de fatalidade histórica ou seria o efeito de fatores acidentais ou simplesmente erros e falhas que podem ser corrigidas à frente? Neste último caso, por quais meios poderia eliminar o perigo que ameaça às revoluções futuras? Poderia envolver alguma esperança nesse aspecto?

O autor confirma que são, precisamente, os elementos ignorados e dissimulados de forma consciente que nos oferecem a chave para o problema e as formas de fixar os elementos precisos. E este é o propósito que há de guiar toda declaração incontestável dos fatos contidos neste livro.

O autor participou ativamente das revoluções de 1905 e 1917 e nunca tinha pensado em escrever este livro se não o orientasse no propósito de contar a verdade dos fatos com perfeita objetividade. Esse cuidado de um relato franco e de uma análise imparcial é favorecido pela posição ideológica de quem escreve. Desde 1908 não pertence a nenhum partido político. Por suas convicções simpatiza com a tendência libertária. Pode-se permitir a total imparcialidade porque, sendo libertário, não tem interesse algum em trair a verdade ou dissimular-la; não aspira ao poder nem a alguma posição de liderança, nem privilégios, nem mesmo para ganhar, a qualquer custo, de uma doutrina. Não busca senão a verdade, porque só ela lhe é proveitosa. Sua paixão, sua única ambição, é compreender os acontecimentos por conhecer os fatos exatos, porque só então se podem formular conclusões justas e úteis.

Como qualquer revolução, a Revolução Russa possui uma riqueza de fatos ignorados e ainda insuspeitos.

Este estudo pretende ficar ao lado de obras de autores que quiseram, puderam e conseguiram explorar estas riquezas com toda a honestidade e independência.

O ESTUDO DA REVOLUÇÃO RUSSA

1. A Revolução Russa pode ser estudada a partir da revolta dos Decembristas em 1825 até hoje, ou nas revoluções de 1905 e 1917, ou apenas na grande explosão de 1917. Em nossa discussão, vamos considerar todo o processo histórico desde 1825, já que assim se compreenderá a relação total dos eventos e a situação atual.

2. A história completa exigiria mais de um volume e seria uma obra de grande fôlego, reservada especialmente para os futuros historiadores. Nosso estudo tem como objetivos: a) descrever brevemente os acontecimentos revolucionários desde a sua criação; b) esclarecer os elementos essenciais desconhecidos ou ignorados no exterior; c) discernir os resultados mais importantes e estabelecer deduções lógicas.

No entanto, o relato que faremos será cada vez mais abrangente e detalhado. Sobre os acontecimentos de 1905 e 1917 mostraremos aspectos desconhecidos até agora e documentação inédita abundante.

3. Terá de se compreender a diferença entre a evolução geral da Rússia e da Europa Ocidental. Acreditamos que o estudo da Revolução Russa deve ser precedido pelo estudo histórico de todo o país e ajustá-lo a ele. Mas esta tarefa excederia os limites do assunto. De qualquer forma, iremos fornecer algumas noções históricas necessárias em todos os casos.

O NASCIMENTO DOS SOVIETES

Um dos eventos mais importantes da Revolução Russa, o menos conhecido e mais desfigurado, é a origem e a primeira atividade dos soviets. Em tudo o que foi publicado até hoje, não só em estudos estrangeiros, mas também na documentação russa, há um abismo intransponível: quando e como foi criado o primeiro soviete operário. Até agora, a maioria dos historiadores e escritores, tanto burgueses como socialistas, mencheviques, bolcheviques, etc., datavam o nascimento do primeiro soviete operário nos finais de 1905, durante a greve geral de outubro, do famoso manifesto czarista do dia 17 e dos eventos subsequentes. Isso é falso.

É verdade que alguns autores - especialmente P. Miliukov em suas memórias - fazem algumas alusões a um esboço dos futuros soviets no início de 1905. Mas o fazem sem qualquer precisão; quando eles tentam concretizar se equivocam. Assim, Miliukov acredita ter encontrado a fonte dos soviets na Comissão Chidlovski. Esta foi uma tentativa oficial, semigovernativa, semiliberal, que depois do 09 janeiro de 1905, em colaboração com os delegados operários autorizados, em vão tentou resolver alguns dos problemas sociais. De acordo com Miliukov, entre esses delegados havia um intelectual, um certo Nossar, que mais tarde formou com outros delegados, e à margem da Comissão, um soviete, o primeiro soviete operário, pelo qual o mesmo Nossar foi entusiasta e presidente. Isto é impreciso. Quando Nossar se apresentou à Comissão Chidlovski já era membro e presidente do primeiro soviete operário, que tinha sido

criado antes da existência de tal comissão, com a qual não tinha nenhuma relação. Outros autores cometem erros semelhantes.

Os socialdemocratas fingem, às vezes, terem sido os verdadeiros promotores do primeiro Soviete. E os bolcheviques se esforçam em arrancar-lhes tal premissa. “Nenhum partido político ou organização ou direção inspirou a ideia do primeiro Soviete.” Isso surgiu espontaneamente como resultado de um acordo coletivo, no seio de um pequeno grupo, fortuito e absolutamente privado. Lenin, em suas obras, e Bukharin, em seu ABC do Comunismo, observam que os sovietes foram criados espontaneamente pelos trabalhadores, deixando supor que eles eram bolcheviques ou, pelo menos, simpatizantes.

Vejo um dos mais negligenciados episódios da Revolução desconhecida. O tempo é para que a verdade histórica seja estabelecida. Especialmente porque esta verdade é bastante sugestiva. Perdoe-me falar aqui de mim mesmo. Involuntariamente eu estava intimamente ligado ao nascimento do primeiro soviete de delegados operários, criado em São Petersburgo, em janeiro-fevereiro de 1905.

Até o momento, eu devo ser, talvez, o único relator presencial do episódio, a menos que alguém mais esteja vivo, alguns dos operários participantes. Recorrendo a imprensa russa e estrangeira que se ocupou dos sucessos de 1905 e dos sovietes, pude comprovar que nenhum dos autores poderia dizer exatamente quando e como surgiu o primeiro soviete na Rússia. Tudo o que eu sabia, e sabe-se ainda hoje, é que teria nascido em São Petersburgo em 1905 e que seu primeiro presidente foi Nossar, mais conhecido no soviete sob o nome de Khrustalev. Mas de onde e como surgiu a ideia deste soviete? Quem a lançou? Em quais circunstâncias ela foi adotada e implementada? Como e por que Nossar chegou a presidi-lo? De onde vinha ele, qual partido ele pertencia? Qual foi a composição e qual a função primária de tal soviete?

Tais perguntas não tiveram resposta até agora.

O nascimento do primeiro soviete foi um evento totalmente privado, em ambiente muito íntimo, protegido de qualquer publicidade, independentemente de qualquer campanha ou ação principal. Na imprensa que tratou deste ponto se encontrará o nome de Nossar-Khrustalev, aliás mencionado quase que acidentalmente; ninguém diz onde ou como este homem aparece, por que e em quais circunstâncias ele se tornou o primeiro presidente do soviete. A imprensa socialista se sente visivelmente desconfortável em ter que falar sobre Nossar; cita o nome dele com desgosto; não podendo o calar, pois preferiria, balbuciar sobre Nossar e sua importância algumas

palavras imprecisas e se apressa a relacionar a atividade dos soviets, no final de 1905, quando o presidente do soviete de São Petersburgo era Lev Trotski.

Compreende-se facilmente tanto a discrição como o desconforto e a pressa. Em primeiro lugar, nem os historiadores nem os socialistas, mesmo Trotsky, nem os partidos políticos em geral, têm conhecido a verdadeira origem dos soviets e, obviamente, incomoda-os confessar. Se os socialistas tivessem conhecido os fatos, teria sido necessário afirmar que não contaram para nada com eles. Portanto, conhecendo ou não a verdade, sempre a evitaram em sua própria vantagem.

Incomoda-me ter que falar sobre mim. Por outro lado, eu nunca tive a oportunidade de falar dos soviets na grande imprensa, que, aliás, não colaboraram. O tempo passou sem que me decidisse quebrar o silêncio sobre a origem dos soviets, para combater os erros e lendas e mostrar a verdade. Há alguns anos, fortemente impressionado com as falsas alusões e presunções de certos artigos de revistas, eu fui ver M. Melgunov, editor em Paris de uma revista histórica russa. Propus fazer, a título puramente documental, a história exata do nascimento do primeiro soviete de trabalhadores. A proposta não prosperou porque a editora se recusou a aceitar a minha condição de que os artigos não seriam alterados em nada; e porque eu percebi que a sua revista estava longe de ser uma publicação histórica imparcial.

Eu me obrigo a mencionar os soviets, revelo os fatos tal como eles ocorreram. E se a imprensa, histórica ou não, está interessada neles, você vai encontrar aqui a verdade. Em 1904 eu me encontrava absorvido por um intenso trabalho de educação e cultura entre os trabalhadores de São Petersburgo. Eu o fazia com método próprio; não pertencia a nenhum partido, mas eu me sentia intuitivamente revolucionário; não tinha mais do que vinte e dois anos e tinha acabado de sair da universidade. No final do ano, o número de meus alunos passaram para cem trabalhadores. Entre eles se encontrava uma jovem que, com seu marido, pertencia a uma das seções operárias de Gapon; Eu tinha ouvido falar muito pouco deste e das suas seções. Uma tarde, minha aluna me acompanhou até a seção do nosso distrito, ansiosa e interessada nesse trabalho e, particularmente, em seu animador. Naquela tarde Gapon devia participar da reunião. Até então ainda não tinha estabelecido o verdadeiro papel de Gapon. Os trabalhadores de vanguarda, desconfiados de seu trabalho, pois era legal e emanava do governo, explicavam na sua própria maneira. O comportamento misterioso do orador parecia confirmar sua opinião de que sob o escudo protetor da legalidade, Gapon preparava realmente um vasto movimento revolucionário. Esta é uma das razões pelas quais

muitos trabalhadores, em seguida, se recusaram a acreditar na função da polícia. Quando se aclarou, alguns amigos próximos de Gapon cometeram suicídio. No final de dezembro eu conheci Gapon. Sua personalidade me intrigou profundamente; por isso, parecia interessado no meu trabalho educativo. Ele me entregou um cartão com o seu endereço, e nós concordamos em nos encontrar novamente para discutir mais. Dias depois começou a famosa greve na fábrica Putilov; o 6 de janeiro de 1905 da tarde, minha aluna, muito agitada veio para me informar que os eventos foram se tornando graves; Gapon que desencadeava as massas trabalhadoras da capital; que recorria todas as seções, discursando para as multidões e chamando para se apresentarem no domingo 9 de janeiro, perante o Palácio de Inverno, para entregar uma petição ao Czar; que já tinha sido elaborado e iria lê-lo e comentaria em nossa seção na tarde do dia seguinte, 7 de janeiro.

Me parecia quase inacreditável e decidi assistir à reunião e julgar a situação por mim mesmo. No dia seguinte, uma grande multidão estava presente na seção, apesar do frio, preenchendo o salão e a rua. A atmosfera era tranquila e séria. Além dos trabalhadores, havia muitos elementos variados: intelectuais, estudantes, militares, policiais, pequenos comerciantes de bairro e mulheres. Não havia nenhum serviço para manter a ordem. Não tardou em chegar Gapon; Abriu caminho através da massa compacta de pé. Talvez houvesse um militar. Houve um silêncio impressionante. Ele desabotoou o sobretudo e foi visto com a cruz sacerdotal de prata; abruptamente ele tirou o chapéu, deixando cair seus longos cabelos desgrenhados, e leu e explicou o pedido para o atento público e comoveu-se desde as primeiras palavras. Apesar de sua voz muito rouca - desde vários dias, ele trabalhava sem trégua -, o seu discurso lento, quase solene, mas simples, quente e com tom sincero, entrava no coração das pessoas, que responderam às suas necessidades. A impressão era fascinante. Percebia-se que algo grande e decisivo aconteceria. Lembro-me que tremia de emoção durante o discurso. Assim que ele terminou, Gapon desceu do palanque e partiu rapidamente, rodeado por alguns dos fiéis, convidando pessoas de fora para ouvir a petição, que seria relida por um de seus colaboradores. Separado da multidão, observando-o apressar-se, absorvido, consumido por um esforço sobre-humano, cercado por amigos, não tentei chegar perto. Percebi que minha aluna tinha dito a verdade: era iminente um formidável movimento popular de gravidade excepcional. No dia seguinte, voltei para a seção. Eu queria ver, especialmente procurava o contato com as pessoas, misturando-me na sua ação e determinar a minha conduta pessoal. Acompanhei muitos dos meus alunos. Mais uma

vez eu encontrei uma multidão reunida na rua. Um membro da seção estava lendo a petição. Espere. Momentos depois, a porta se abriu. Mil pessoas deixaram o salão, e outras mil correram para ela. Fechada a porta, um trabalhador, sentado no estrado, começou a ler o discurso de uma maneira lamentável. Monótono e fraco, o homem murmurou o texto perante um povo atento e ansioso. Dez minutos foram suficientes para terminar sua leitura soporífera. O salão foi evacuado para receber mais mil pessoas.

Eu rapidamente consultei meus amigos sobre a minha decisão de assumir o posto. Até então, eu nunca tinha falado para o povo, mas eu não hesitei. Havia que mudar a maneira de ensina-lo e eleva-lo. Aproximei-me do trabalhador que se preparava para reiniciar a leitura. “Deve estar muito cansado” - Eu lhe disse; - “Permita-me substituí-lo...” O homem me olhou, surpreso e perturbado. Via-me pela primeira vez. “Não tenha medo”, continuei. “Eu sou um amigo de Gapon. Aqui está a prova...” E lhe estendi o cartão. Meus amigos me apoiaram e o homem finalmente aceitou. Ele se levantou, me entregou o discurso e retirou-se. Eu li o documento, e então eu apliquei a sua interpretação, particularmente enfatizando o essencial das passagens, protestos e reivindicações, e insistindo em particular para a rejeição segura ao Czar. Voltei para fazê-lo novamente e novamente até a hora tardia. E acabei ficando para dormir na seção, com vários amigos, sobre as mesas arrimadas umas às outras. Na manhã seguinte, o famoso 9 de janeiro, eu ainda reli a petição até sairmos para a rua. Uma enorme multidão nos aguardava. Cerca das nove horas, eu e meus amigos formamos as três primeiras linhas, convidamos as pessoas a seguir e nos dirigimos para o palácio. A multidão agitou-se e nos seguiu em filas apertadas. Forçados a atravessar o Neva, paramos perto da ponte Troisky com um cabo de tropas que, após nos intimidar em vão, dispararam contra nós repetidamente. No segundo ataque mortal, pessoas se dispersaram, deixando uns trinta mortos e sessenta feridos. Na verdade, muitos soldados dispararam para o ar; os vidros dos pisos altos voaram pelos impactos.

Alguns dias se passaram e a greve continuava quase geral em São Petersburgo. Movimento espontâneo, não foi desencadeado por qualquer partido político nem órgão sindical (não existiam ainda na Rússia), nem mesmo um comitê de greve. Por iniciativa própria as massas operárias abandonaram fábricas e oficinas. Os partidos políticos eram incapazes até mesmo de aproveitar a oportunidade para se apoderar do movimento, como costumavam fazer, permanecendo completamente por fora.

“O que fazer agora?” Era a pergunta perturbadora apresentada aos trabalhadores. A miséria batia na porta dos grevistas. Era necessário enfrenta-la sem demora. “Como

os trabalhadores poderiam e deveriam continuar a luta? As seções, privadas de seu líder, se encontravam quase que desamparadas e impotentes. Os partidos políticos não mostravam sinais de vida. Se fazia sentir assim, tão imperiosamente, a necessidade de um organismo que coordenasse e dirigisse a ação.”

Eu não sei como eram enfrentados e resolvidos esses problemas nos diferentes bairros. Talvez certas seções soubessem, pelo menos, ajudar materialmente em solidariedade os grevistas pela rádio. Em meu bairro os eventos tomaram um tipo particular, conduzindo em seguida, como será visto, a uma ação generalizada.

Na minha casa reunia-se diariamente uma quarentena de trabalhadores do bairro. A polícia nos deixava momentaneamente tranquilos, mantendo-se, após os recentes eventos, uma neutralidade misteriosa, que nós aproveitamos. Tentamos encontrar formas de trabalhar. Meus alunos decidiram, de acordo comigo, liquidar nossa organização de estudos, individualmente aderir aos partidos revolucionários e, assim, passar para a ação, pois todos nós considerávamos todos esses eventos como preliminares de uma revolução iminente. Uma tarde - oito dias depois do 9 de janeiro - bateram na minha porta. Estava sozinho. Entrou um jovem alto, de aparência franca e amigável.

- “Você é fulano?” - me perguntou. E perante a minha afirmativa, ele continuou: “O procuro desde há algum tempo. Ontem, finalmente, eu soube o seu endereço. Estou Guiorgui Nossar. Passarei para o objetivo de minha visita. Aqui se trata. Eu assisti, em 8 de janeiro, a sua leitura do discurso, e pude observar que você não pertence a nenhum partido político.”

- “Exatamente!”

- “Eu também não, porque eu não confio neles. Eu sou um revolucionário e simpatizo com o movimento operário. Mas eu não conheço ninguém entre os trabalhadores. Conto, isso sim, com muitas relações nos meios liberais burgueses mídia, oponentes. Ocorreu-me em seguida, uma ideia. Eu sei que milhares de trabalhadores, suas esposas e filhos, sofrem já terríveis dificuldades por causa da greve. Os burgueses ricos que eu conheço querem nada melhor do que para ajudar esses infelizes. Em suma: eu poderia reunir, para os grevistas, fundos bastante consideráveis. Se trata de distribuir de forma equitativa, organizada e útil. Daí a necessidade de se envolver com as massas trabalhadoras. E eu pensei em você. Não seria possível, de acordo com os seus melhores amigos trabalhadores, encarregarem-se de receber e distribuir entre os grevistas e as famílias das vítimas do 9 de janeiro as somas que eu recolher?”

Eu aceitei de pronto. Havia entre os meus amigos um trabalhador que poderia dispor do seu caminhão de seu patrão para visitar os grevistas e distribuir os suprimentos de emergência. Na tarde seguinte, eu conheci os meus amigos. Nossar estava presente. Trazia já alguns milhares de rublos. Nossa ação começou de imediato. Por algum tempo esta tarefa absorvia o meu dia. Na parte da tarde eu recebia das mãos de Nossar, recibos, os fundos, e traçava o meu plano de visitas. No dia seguinte, ajudado por meus amigos, distribuía o dinheiro para os grevistas. Nossar contraiu assim amizade com os trabalhadores que me visitavam.

Enquanto, a greve já estava terminando. Todos os dias, grupos maiores de trabalhadores retornavam ao trabalho. E, a par, os fundos se esgotavam. E a grande interrogação aparecia novamente: o que fazer? Como continuar a ação? E agora?

A perspectiva de nos separar, sem uma tentativa de continuar em uma atividade comum nos parecia dolorosa e absurda. A decisão que havíamos adotado de aderir individualmente ao partido de nossa eleição não nos satisfazia. E buscamos outra coisa.

Nossar participava de nossas discussões. Assim, numa tarde em minha casa, onde Nossar se encontrava e, como sempre, muitos trabalhadores, veio entre nós a ideia de criar uma organização de trabalhadores permanentes, uma espécie de comitê, ou melhor, conselho que assistisse o desenvolvimento dos acontecimentos, servisse como um elo entre os todos os trabalhadores, informando-lhes sobre a situação e, se necessário, poderia reunir em torno dele as forças operárias revolucionárias.

Não me lembro exatamente como surgiu esta ideia. Mas lembro-me que foram os próprios trabalhadores que a adiantaram. A palavra Soviete, que em russo significa precisamente “Conselho”, foi pronunciada pela primeira vez neste sentido específico. Se tratava, neste primeiro esboço, de um tipo de permanente atuação operária social.

A ideia foi aceita e, nessa mesma reunião se tentou estabelecer as bases organização e funcionamento. O projeto tomou rapidamente corpo. Foi resolvido leva-lo ao conhecimento dos trabalhadores das grandes fábricas da capital e proceder à eleição, sempre na privacidade, de membros deste organismo, que foi chamado pela primeira vez, o Conselho (Soviete) de delegados operários. Quem dirigia os trabalhos dos sovietes? Os trabalhadores presentes, sem êxito, me propuseram para o cargo.

Muito animado pela confiança, eu categoricamente recusei, no entanto, a oferta. Eu disse aos meus amigos: “Vocês são operários e desejam criar um organismo para defender os interesses dos trabalhadores. Saibam, então, desde o início a lidar com os seus próprios assuntos. Vocês não podem colocar a sua confiança naqueles que não são

trabalhadores. Nada de novos líderes, que acabarão por domina-los e traí-los. Sua luta e sua emancipação, mais ninguém podem orientá-los. Por vocês, acima de vocês, no lugar de vocês, ninguém nunca fará algo eficaz. Vocês devem eleger um presidente, secretário e membros da comissão administrativa em suas próprias fileiras. Se vocês necessitem de esclarecimentos, conhecimentos especiais, conselhos, em uma palavra, ajuda intelectual e moral, vocês podem direcioná-los aos intelectuais, pessoas instruídas, que sentirão prazer em ajudar, não como líderes, mas oferecendo sua ajuda, sem misturar-se em sua organização. É seu dever de prestar tal ajuda, porque se falta a instrução necessária, não é sua culpa. Esses amigos intelectuais podem até assistir às suas reuniões, mas apenas como consultores. Como vocês querem que eu seja membro de sua organização se eu não sou um operário?”

Nada seria mais fácil de resolver, me responderam. Dariam-me um cartão operário e seria parte da organização com nome sugerido. Eu protestei contra tal procedimento, considerando-o indigno de mim e dos operários, perigoso e nefasto. “Em um movimento proletário - eu disse - tudo deve ser franco, direto e sincero.”

Apesar das minhas sugestões, os amigos não se sentiram fortes o suficiente para poder realizar sem um guia. Por isso, ofereceram o cargo de presidente a Nossar, que, não sentindo meus escrúpulos, concordou. Conseguiram um carnê operário no nome de Khrustalev, delegado de uma fábrica. Logo, os delegados de muitas fábricas de São Petersburgo realizaram a sua primeira reunião, que foi presidida por Nossar-Khrustalev.

Assim foi nomeado presidente da organização, cargo que ocupou até a sua prisão. O primeiro soviete tinha nascido. O Soviete de São Petersburgo foi integrado, mais tarde, por outros delegados de fábricas, cujos números tornaram-se impressionantes.

Por algumas semanas os sovietes se reuniram com bastante regularidade, pública e secretamente. Editaram uma folha de informação operária: Notícias (Izvestia) do Soviete dos Delegados Operários. Ao mesmo tempo, dirigia o movimento operário da capital. Nossar foi, por pouco tempo, como o delegado deste primeiro soviete na já mencionada Comissão Chidlovski. Desiludido, a abandonou.

Um pouco mais tarde, perseguido pelo governo, este primeiro Soviete teve de parar quase que plenamente as suas reuniões. Durante a comoção de Outubro 1905, o Soviete, totalmente reorganizado, voltou a comprometer-se com reuniões públicas, e por isso foi amplamente conhecido. O erro comum é em parte explicado sobre as suas origens. Ninguém poderia saber o que estava acontecendo na privacidade de um salão

privado. Nossar provavelmente não falou com ninguém sobre isso. Pelo menos, ele nunca o fez publicamente. Dos operários, ninguém teve a ideia de ilustrar à imprensa.

Nossar tinha uma esposa, cujo destino final é desconhecido para mim, e um jovem irmão, Stepan, que encontrou mais tarde na prisão; posteriormente o perdi de vista. Minha declaração poderia ser confirmada por essas pessoas que ainda estão vivas. O Partido Socialdemocrata terminou por infiltrar-se no Soviete e aproveitou-se do posto importante dele.

“O socialdemocrata Trotsky, futuro comissário bolchevique, fez-se secretário. Logo, quando Khrustalev-Nossar foi preso, Trotsky assumiu a presidência.”

O exemplo dado pelos trabalhadores da capital em janeiro de 1905, foi imitado em muitas outras cidades. Criaram-se sovietes operários em todos os lugares; de efêmera existência sempre, logo eram suprimidos pelas autoridades. Por outro lado, o soviete de São Petersburgo manteve-se por algum tempo. O governo central, na difícil situação após o 9 de janeiro, e especialmente após os reveses cruéis na sua guerra com o Japão, se limitou no momento em prender Nossar.

A greve de janeiro havia se fechado em si; Na ausência de um movimento mais vasto, a atividade deste primeiro Soviete foi reduzida a tarefas insignificantes. No final de 1905, o soviete de São Petersburgo também foi abolido; o governo czarista reafirmou, liquidou os últimos vestígios do movimento revolucionário de 1905, prendeu Trotsky, bem como centenas de revolucionários, e quebrou todas as organizações políticas avançadas. O soviete de São Petersburgo reapareceu durante a revolução decisiva de fevereiro-março de 1917, ao mesmo tempo em que se criavam sovietes em todas as cidades e localidades importantes do país.

* Este texto é parte do livro *A Revolução Desconhecida* de Volin. Cf.: VOLIN. *La Revolution Desconocida*. Libro Primero. Portal Libertario OACA. Disponível em: http://www.fondation-besnard.org/article.php3?id_article=1708.

** Volin dedicou-se nos últimos anos de seu exílio na França em terminar sua grande obra *A Revolução Desconhecida*, exemplar que seria publicado apenas após a sua morte em 1945. Volin, em 1917 retorna à Rússia para se unir à Revolução, participando depois na *makhnovitchina*. Além disso, foi redator da publicação *Golos Truda* (jornal anarquista), e também do periódico Nabat. Em 1918, Volin cria, com outros militantes, a Federação Anarquista da Ucrânia, sob o mesmo nome de Nabat. Adepto do sintetismo, em 1927 ajuda a criar a Association des Fédéralistes Anarchistes, na França, e colabora com a Frente Popular-CNT durante o governo republicano espanhol.

Tradução de Pablo Mizraji, ITHA, 2017